

A “LINHA DURA” EM FOCO: O LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO POR PARTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA SOBRE OFICIAIS BRASILEIROS

Eduardo Rodrigues Martorano¹

Resumo: As relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos da América assumiram diferentes formas durante todo o século XX. Porém, a partir do golpe de 1964, estas relações se estreitaram. Em um primeiro momento o apoio incondicional de Castelo Branco foi a face da diplomacia brasileira em relação ao seu parceiro do Norte. Por outro lado, liderada por Lincoln Gordon, a relação diplomática dos Estados Unidos com o Brasil foi de cautela, pelo receio americano de que alguns membros do Exército Brasileiro, ao atingirem o poder, prejudicassem interesses norte-americanos em terras brasileiras. Somando-se à equação, existia uma forte oposição doméstica a Castelo Branco, composta principalmente por militares insatisfeitos com o governo do marechal presidente. A preocupação dos estadunidenses com tal cenário levou a organização de uma extensa rede de informação sobre destacados membros da política brasileira. São um produto disto, os Biographic Data de vários relevantes oficiais brasileiros, os quais foram produzidos entre os anos de 1964 e 1974, configurando-se como nossas fontes, marcando assim uma forte característica da História do Tempo Presente neste trabalho, devido ao que Henry Rousso denomina “prazo político de reserva”. Na tentativa de investigar os militares brasileiros, os documentos levam consigo marcantes traços sobre como e por que os Estados Unidos levantavam dados sobre os oficiais gerais de “linha dura”. Investigar este ponto, tendo como referência historiadores como Carlos Fico e James Green, consiste na base do presente trabalho.

Palavras-chave: “Linha dura”, Política externa estadunidense, Relações diplomáticas entre Brasil e EUA.

1. As instituições geradoras e as características dos documentos

Foram identificadas quatro diferentes instituições geradoras de documentos. Sendo elas: a Central Intelligence Agency (CIA); Defense Intelligence Agency (DIA); United States Department of Defense e o United States Army South (USARSO). Cada uma destas organizações possuía um modelo diferente de Biographic Data, ou seja, elas mostram diferentes abordagens no levantamento de informações. Existem diferenças, por exemplo, no tipo de informação procurada, no nível de detalhes pessoais descritos, na configuração do documento, exposição das fontes de informações, e na demonstração da autoria pessoal. Existem também casos de aproximações, aonde o conteúdo sobre os alvos é extremamente parecido, em termos de textos. O importante é ser ressaltado é que cada uma das instituições possui suas especificidades e características, que aqui serão exploradas.

A CIA é detentora de um modelo de documento extremamente discreto. Em suas páginas, podemos notar poucos sinais burocráticos. Eles são, basicamente o indicador que o

¹ Mestre em História, PPGH/UDESC. E-mail: eduardormartorano@gmail.com

documento era secreto, e a data, que vem sempre no final do texto, indicando o mês e o ano em que o documento foi produzido. Na verdade, podemos afirmar que o documento pertence a organização, somente pela ausência da foto. Visto que, na falta da mesma, o selo da organização se destaca. O país de origem do alvo, bem como o seu nome, são os temas da primeira linha. O cargo atual ocupado pelo investigado vem logo abaixo. Por exemplo, no Biographic Data de Olympio Mourão Filho, datado de setembro de 1964, indica que na época, ele ocupava o comando do IV Exército, sediado em Recife. Apesar da estrutura do texto se configurar de forma corrida, sem a presença de tópicos, existe uma diferença temática entre os parágrafos.

A carreira profissional e o envolvimento com conspirações e assuntos políticos são elementos presentes na análise, bem como posições e ações políticas do passado. Continuando a usar o exemplo de Mourão Filho, seu Biographic pontua que ele é um veterano em golpes, e foi peça fundamental na deposição do presidente João Goulart. Sua facção política é denominada “linha duríssima”, apesar de que esse documento específico não entra em mais detalhes sobre essa conceituação. Os destaques da carreira militar são merecedores de um espaço considerável neste tipo de documento, tal parte é formada basicamente de observações feitas sobre as promoções de patente e mudança nos cargos ocupados. Mourão, no caso, comandou a 4ª divisão de infantaria na 4ª região militar, sediada em Juiz de Fora-MG, de agosto de 1963 a maio de 1964, quando foi promovido a General de Exército, patente mais alta da ativa no Exército Brasileiro. Tal posto, devido ao seu alto grau, não permitiria ao militar continuar em Minas Gerais, consequentemente o militar ficou certo tempo sem incumbência, até ser realocado para o posto de comandante do IV Exército.

Outro elemento dos documentos da CIA, se materializa no perfil político do alvo contemporâneo ao arquivo. Tendo como exemplo o caso do coronel da reserva José Costa Cavalcanti, que na época da produção de seu Biographic Data, datado de julho de 1969, ocupava o posto de Ministro do Interior, é admitido que ele possuía fortes ambições, inclusive o posto de governador do Estado de Pernambuco estava entre elas. Igualmente é postulado sua vinculação com a “linha dura”, sendo no documento interpretada como uma facção que prega uma firme, ou até mesmo autoritária postura para resolver os problemas brasileiros,

especialmente os ligados a subversão e corrupção . Voltando ao caso de Mourão Filho, é afirmado que ele estava descontente com os rumos tomados pelo governo de Castello Branco.

A preocupação de se saber a posição ideológica dos militares brasileiros, bem como suas ações não se dá por acaso. Desde os primórdios do regime, a caserna exerceu forte poder sobre os generais-presidentes. “Se no campo político o primeiro ano do período militar presenciava os esforços da área civil para se adaptar aos novos tempos, na área militar essa fase iria testemunhar inusitado ativismo.” (FILHO, 1994, p. 52). Após o golpe de 1964, é prudente afirmar que o envolvimento e a militância dos militares na política atingiu níveis inéditos na história brasileira. Não era do campo civil que provinham as crises geradoras de instabilidade da ditadura, elas provinham majoritariamente do espectro militar, resultante de disputas internas entre setores discordantes. A promulgação do Ato Institucional número dois, a título de exemplo, corrobora com a reflexão acima. “Nesse aspecto, não resta sombra de dúvida de que a ‘primeira linha dura’ impôs essa guinada autoritária decisiva na história do regime, formulando, até mesmo martelando, seu projeto na cena pública a partir de meados de 1964.” (CHIRIO, 2012, p. 91). Os estadunidenses estavam cientes de que existiam rachas dentro do Exército Brasileiro, e que tais divisões geravam reflexos na cena política interna. Logo, mapear a ideologia e as intenções de pessoas que poderiam, de alguma maneira, influenciar os rumos do país, se fazia um movimento interessante para o governo dos Estados Unidos.

De volta a fonte, por fim, são apontadas informações de cunho pessoal. Sendo ela sobre relações familiares, personalidade, ou até mesmo sobre o fenótipo do alvo. Márcio de Souza e Mello, indivíduo que possui um documento com o seu nome, com data de maio de 1967, é descrito como envergonhado, reservado. Ele era casado com Zilda Andrade, era pai de duas filhas e um devoto católico. Já no caso de Mourão, é salientado sua ausência de cabelo, sua baixa estatura. O fato de que ele era casado com uma mulher que passara por um divórcio não passou despercebido pelo olhar estadunidense. Por fim, em um último modelo, é evidenciado as línguas estrangeiras que os alvos dominavam. Costa Cavalcanti era fluente em inglês, Mourão falava espanhol, francês e um pouco de inglês. Já Márcio de Souza e Mello possuía um bom espanhol, e dominava o inglês razoavelmente.

A DIA é a segunda organização de documentos notada na pesquisa, e também se caracteriza por possuir o acervo com o maior número de dossiês disponíveis, se estabelecendo como maior produtora de documentos deste gênero sobre a “linha dura” dentro do programa Opening The Archives. A formatação dos seus arquivos é bem característica. Assim como os documentos da CIA, eles não possuem acentuados sinais de identificação. Na verdade, nota-se somente o selo da instituição, e os indicadores de confidencialidade e desclassificação, bem como o país de origem do alvo, a sua patente juntamente com seu nome, e o mês e o ano do documento. Eles também acompanham os Biographic Data oriundos da CIA na ausência de marcadores de autoria pessoais, local de criação, e destino final. A principal diferença entre as duas formas é quase que exclusiva da formatação do texto, ao invés de um texto corrido, os documentos da DIA são organizados em tópicos. A grande maioria detém os seguintes tópicos: NAME; POSITION; SIGNIFICANCE; POLITICS; PERSONAL DATA; DECORATIONS e CARRER. É importante salientar que alguns documentos também dispõem de um tópico chamado de CIVIL EDUCATION, os tópicos POLITICS; PERSONAM DATA se desdobram em outros subtópicos.

Os primeiros dois tópicos dispõem de informações simples, diretas e objetivas. O nome é sempre acompanhado da patente atual, em seguida, o cargo atual do militar também é demonstrado. Quando Armando Zenha de Figueiredo foi alvo de investigações, por exemplo, era um oficial general da marinha, Contra-Almirante, e ocupava a direção do estaleiro do Rio de Janeiro desde 1964. Em SIGNIFICANCE, habitualmente eram pontuados a moral e o prestígio que o militar gozava dentro das Forças Armadas. Ainda usando o caso de Zenha, segundo o levantamento estadunidense, o alvo era altamente respeitado pelos superiores e subordinados, e possuía um grande número de adeptos entre os oficiais mais novos. As promoções e os cargos importantes aparecem igualmente nesta seção, porém de forma sucinta, direta. Importantes relações pessoais mereciam destaque aqui, contatos, amizades, relações profissionais, ou até mesmo inimizades eram relatadas. Notoriamente, não era qualquer tipo de contato que ganhava espaço, eram descritas apenas aqueles que faziam referência a oficiais de alta patente, ministros, presidentes ou ex-presidentes. Por fim, a experiência na FEB, um eventual treinamento militar nos Estados Unidos, e algumas

preferências ideológicas, também eram retratadas neste tópico. No caso do Vice-Almirante Saldanha da Gama, consta que todas suas quatro promoções se originaram por mérito, e que foi designado para a diretoria da aeronáutica com a missão de revitalizar o programação de aviação naval da marinha brasileira. Voltando ao caso do contra Contra-Almirante Zenha, é indicado que ele era influenciado por Sílvio Heck, um famoso Almirante, e que era um líder da “linha dura”, grupo que segundo o documento, desejava evitar que os políticos profissionais apropriem-se novamente do poder. Já no caso do então general de brigada Ednardo d’Avila Mello, é anotado que ele serviu na Itália juntamente com a FEB durante a segunda guerra mundial, recebeu treinamento de infantaria militar em Fort Benning, no estado da Geórgia, entre o período de maio a julho de 1944, e que detinha um estreito relacionamento com o Marechal Arthur da Costa e Silva, então ministro da guerra, e com o General Golbery do Couto e Silva, ex-chefe do Sistema Nacional de Informações (SNI).

O tópico POLITICS, como já informado, se divide em dois outros subtópicos, sendo eles: International e internal. Apesar de também sucintos, está parte dos documentos traz informações interessantes. Visivelmente, no primeiro subtópico, a preocupação dos estadunidenses esculpia-se em duas principais, o nível de simpatia que o alvo detinha sobre as ações dos Estados Unidos, sendo elas políticas, econômicas, ou diplomáticas, e sua postura perante o comunismo. Exemplificado, a DIA interpretava o General de Brigada João Dutra de Castilho como sendo fortemente anticomunista, e muito amigável aos Estados Unidos, concordando inclusive, com as atuações do país do norte na República Dominicana e no Vietnã. O documento ainda acrescenta que o militar em questão acreditava que a intenção dos esquerdistas era destruir a amizade entre Brasil e Estados Unidos. Para elucidar a questão econômica, trago o caso do Almirante Augusto Rademaker, que na época era ministro da marinha. No seu Biographic Data, é afirmado que o militar detém uma postura amigável aos Estados Unidos, porém é defensor da ideia de que o Brasil deveria mudar o seu eixo de compra para equipamentos da marinha, descolando-o para a Europa, e assim lesando interesses monetários estadunidenses, visto que estes eram os principais fornecedores de armamentos para o Brasil até então. Outro fator que chama a atenção no documento referente

a Rademaker, diz respeito a crença que o almirante possuía sobre o papel da marinha brasileira poderia exercer no atlântico na defesa do ocidente.

Novamente, o anseio por informações se justifica em interesses diversos. Os estadunidenses sempre trabalharam por preservar e ampliar sua zona de influência, essa postura passa impreterivelmente pela questão econômica. Quando Castello Branco assume a presidência, ele o fez em oposição a política externa praticada por seus antecessores, na verdade, podemos encontrar equivalência apenas na gestão de Eurico Gaspar Dutra, pois foi estabelecido um apoio incondicional aos Estados Unidos. “A presença dos Estados Unidos no Brasil durante a administração consular de Castello Branco alcançou assim sua magnitude.” (BANDEIRA, 1999, p. 138). Porém, esse modelo de política externa se destacou apenas, durante a primeira presidência da ditadura, quando Costa e Silva assume em março de 1967, a diplomacia brasileira se transforma novamente.

Assim, com tal percepção, a diplomacia da prosperidade retomou os mesmos objetivos da política externa independente, tais como ampliação e diversificação dos mercados externos, obtenção de preços justos e estáveis para os produtos nacionais de exportação, bem como a atração de capitais e técnicas do estrangeiro, de modo a sustentar o esforço de desenvolvimento. (BANDEIRA, 1999, p. 152).

O abandono do apoio incondicional em direção a diplomacia da prosperidade estremeceu as relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, pois a partir do governo Costa e Silva, o Brasil não mais daria suporte a qualquer intenção estadunidense, sem antes apurar se tal intenção prejudicaria ou não os interesses brasileiros, principalmente no campo econômico e na segurança nacional. O governo buscava o desenvolvimento interno a qualquer custo. “O que importava, fundamentalmente, ao nacionalismo-autoritário não era os meios e sim, os fins, ou seja, o desenvolvimento a qualquer preço, de modo que o Brasil se transformasse em grande potência, no mais curto espaço de tempo.” (BANDEIRA, 1999, p. 172). A substituição causou danos aos ganhos dos estadunidenses, inclusive econômicos. O cenário em que o Brasil comprava milhões de dólares em armamentos dos Estados Unidos sem questionamento acabara. Os militares nacionalistas não estavam mais dispostos a ter apenas uma possibilidade de fornecedor, a eles interessava armamentos modernos ao menor

preço. Logo, deu início a barganha com países europeus do mundo capitalista. No caso do almirante Rademaker, este advogava pela compra de novos navios de guerra vindos do continente europeu, devido às melhores condições de financiamento que estes países proporcionavam.

O alvo ocupava o cargo de ministro da marinha na época, ou seja, estava numa posição que exercia forte autoridade sobre decisões de compra. Os interesses estadunidenses não gozavam mais de um alto grau de consolidação, com certeza se fazia necessário conhecer as preferências e ideias de pessoas que ocupavam posições de destaque, e identificar se as convicções destes membros da alta burocracia brasileira cooperavam ou não com os interesses econômicos estadunidenses. O fato leva a crer que, o interesse econômico era um elemento presente na construção dos Biographic Data.

Voltando ao documento, o segundo subtópico trata da posição política interna do alvo. Nele são exploradas posições, opiniões e participações em eventos políticos de destaque da política brasileira, do mesmo modo que indica o vínculo com o presidente e consequentemente as propostas do governo. A posição ideológica é indicada, sendo a totalidade encarada como conservadores. O posicionamento perante o governo Goulart também se evidencia, a maioria é encarada como avessa ao governo do ex-presidente. Alguns dos movimentos políticos militares desta época igualmente marcam presença, é citado quando o militar participou de alguma manifestação política prévia ao golpe de 1964, como por exemplo, a revolta de Aragarças, o protesto dos almirantes em 1963 e o manifesto dos coronéis de 1954 contra Getúlio Vargas. E também, é claro, o grau de envolvimento com o golpe de 1964 é da mesma forma enfatizado. o General de Divisão João Dutra de Castilho, a título de exemplo, era encarado como conservador, opositor extremo de João Goulart, enquanto este estava na presidência, e altamente envolvido com o golpe de 64, tendo prendido o então governador de Pernambuco pessoalmente. Já Saldanha da Gama e Ednardo d'Avila, são pontuados como participantes do protesto dos almirantes e do manifesto dos coronéis, respectivamente.

Dados sobre a relação com os governos contemporâneos a produção do documento, a aliados dentro com cargos de prestígio no aparelho estatal, e o pertencimento a “linha dura”

similarmente são descritos neste subtópico. Aliás, é vital enfatizar, que neste tipo de fonte, o presente subtópico é o principal indicador do pertencimento dos alvos a “linha dura”, bem como o local aonde há uma maior discussão sobre tal tema, apesar de assim mesmo, ser relativamente tímido. Retornando ao caso de João Dutra, ele é descrito como um “linha dura”, interpretada em seu Biographic Data como parte do exército que critica o governo – Costa e Silva – por não tomar drásticas medidas para eliminar esquerdistas e corruptos do aparelho burocrático brasileiro. O general também é destacado por, durante o ano de 1968, ter tecido críticas ao governo do Marechal Arthur da Costa e Silva. Já na situação do General de Divisão Carlos Luiz Guedes, é citado que este oficial era próximo politicamente e pessoalmente do ex-presidente Juscelino Kubitschek, se configurava em um duro opositor a Goulart, e também fazia parte dos quadros da “linha dura”. Porém o Biographic Data de Guedes traz uma abordagem alternativa aos duros, em relação ao Biographic Data de João Dutra, encarando tal facção como parte das forças armadas que acreditam que o governo Castello, por sua falta de iniciativa e firmeza, irá permitir um retorno gradual ao poder por parte dos políticos civis corruptos e dos esquerdistas, que levaram o Brasil a beira de um desastre anos antes. Por fim, o subtópico afirma que Guedes detinha vínculos com o então governador de Minas Gerais Magalhães Pinto, entretanto, posteriormente afastou-se deste, pois acreditava que o chefe do executivo mineiro adotou uma fraca e frouxa postura com políticos corruptos.

A parte final do modelo de documento da DIA é dedicada a informações de cunho pessoal, referentes a família, fenótipo, religião, condecorações, línguas dominadas, educação civil e uma linha do tempo sobre a carreira do alvo. Todos esses tópicos são breves e objetivos. Como último exemplo de arquivos vindos da DIA, evoco o caso do Tenente-Brigadeiro Ary de Presser Bello, que segundo informações levantadas, nasceu no dia 7 de setembro de 1911 em São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Ele era casado com Clerilda de Moura Bello, e o casal possuía quatro filhos. O oficial da Força Aérea Brasileira foi descrito como tendo uma estatura média, cabelo branco, olhos verde-cinza. Apesar de conferir uma impressão inicial de arrogância, Bello era um bom ouvinte. Evitava contatos próximos a estadunidenses, bom homem de família. O militar era fluente em espanhol, e gozava de uma boa noção do inglês, francês e alemão. Adepto ao catolicismo

romano. Dentre suas condecorações, cito a medalha mérito Tamandaré, e a legião do mérito, sendo essa uma honraria estadunidense.

A educação civil do alvo é desconhecida, fato interessante, pois nos leva a crer que até mesmo grandes instituições dotadas com destacados órgãos de informações tinham limites, barreiras e deficiências. Não podemos superestimar o seu alcance. Até o governo dos Estados Unidos pode encontrar dificuldades no ato da espionagem, tal sistema não é onisciente e onipresente. Ele também é dotado de limitações próprias. A propósito, em determinadas situações o sistema nos mostra informações conflitantes, como veremos mais adiante.

Por fim, todo documento da DIA se encerra com uma linha do tempo alusiva a toda carreira profissional do alvo, ou seja, ela começa na entrada do indivíduo na vida militar e terminar com o cargo ocupado pelo mesmo na data da produção do documento. Nela são principalmente destacadas as promoções do oficial, bem como seus cursos realizados e suas mudanças de cargo. Portanto, dentre outros eventos, é indicado que Bello foi promovido a Capitão no dia 25 de dezembro de 1937, que entre os anos de 1964 e 1966 ocupou o posto de adido militar brasileiro na embaixada de Washington D.C. , e que durante o ano de 1958 fez parte do quadro de alunos da Escola Superior de Guerra.

A terceira instituição notada é a USARSO, a divisão do exército norte-americano responsável pelas bases militares, e pela atuação deste no Cone Sul. Este se destaca pela seguinte característica: o modelo de documento é quase que na sua totalidade igual ao modelo da DIA. Na verdade, a única diferença evidente é o logo da USARSO, encontrado no mesmo lugar em que o logo da DIA era identificado, isto é, o cenário aqui configurado se limita a uma troca de identificação por parte das instituições. Todo o resto deste tipo de fonte se encontra em absoluta consonância em relação aos documentos originários na Defense Intelligence Agency. Inclusive, não só os tópicos são os mesmo, como também o conteúdo, quando não é idêntico, é extremamente parecido. Tal fato nos leva supor que existia uma cooperação entre as instituições, um tipo de diálogo, intercâmbio de informações. As informações presentes na fonte infelizmente nos limitam neste aspecto, elas não nos fornecem condições de trabalhar em cima desta relação, todavia, se faz necessário salientar tamanha semelhança entre o modelos destas duas organizações.

A última instituição geradora de Biographic Data presente no acervo é o United States Department of Defense. Foram encontrados poucos modelos deste tipo de fonte, na verdade foram apenas três, que citam a palavra “linha dura”, no entanto eles nos trazem informações de alto valor, que não estavam presentes nos modelos das outras organizações.

Na primeira página do documento, é possível visualizar a marcação de confidencialidade, e logo ao lado a seguinte frase: “esse relatório contém informação não processada. Planos e/ou políticas não devem ser envolvidas ou modificadas somente com base neste relatório”. Podemos assim pontuar, uma cabível função desta variedade de documento, pois a observação prega que políticas não deveriam ser mudadas exclusivamente com base no documento, entretanto a palavra *solely* indica que, de uma forma mais ampla, o documento, juntamente com adicionais informações provenientes de outros vetores, poderia sim auxiliar em tomadas de decisões, mudanças de políticas, e planos para com a política externa estadunidense. A recomendação feita pela pequena nota adverte exclusivamente para a não mudança de políticas tendo como base aquela única fonte, mas não mencionada nada, inclusive insinua, que mudanças podem ocorrer com base em um conjunto de informações, o qual o presente documento poderia fazer parte.

Em seguida, observamos no documento o país de origem do alvo, o seu nome e sua patente. A data de formatação, o lugar e o número de páginas do documento, igualmente se encontram presentes. As informações a seguir são responsáveis por conferir a singularidade deste tipo de arquivo, assim como as configuram em um ineditismo em relação aos documentos das outras instituições. São elas: a autoria pessoal do documento, e os meios de obtenção da informação. Existem tópicos nos documentos do Department of Defense que nos indicam claramente estes dois aspectos. Primeiramente, a autoria destes se dava sempre pelo adido militar estadunidense no Brasil, ele era o burocrata responsável pelo levantamento de informações sobre o alvo. O originador dos documentos está assinalado como sendo o Office of the United States Army Attaché (OUSARMA), ou seja, o gabinete do adido militar. Consequentemente, podemos afirmar que o adido militar estadunidense se materializava como um burocrata chave para a o levantamento e a obtenção de informações sobre oficiais brasileiros, configurando-se como um de suas funções. A título de exemplo, o Biographic

Data do Coronel Fernandino de Carvalho, foi preparado por Vernon A. Walter, o então adido militar estadunidense no Brasil, famoso pelo envolvimento no golpe de 1964, e pela amizade com Castello Branco. Já o Biographic Data do Department of Defense do general Ednardo d'Avilla Mello, teve como autor Arthur S. Moura, adido militar na época da produção do documento. Neste caso, o originador está associado não ao OUSARMA, mas sim ao Defense Attaché System (DAO), que na verdade também faz menção ao gabinete do adido militar.

Quanto aos meios de obtenção de informação, foram identificados cinco deles. Observação e contato pessoal, o almanaque do exército, oficiais brasileiros, exército brasileiro e arquivos da DAO. O contato dos militares estadunidenses com os brasileiros estava carregado de intenções diplomáticas, pois, se configurando o contato pessoal como uma forma de obtenção de informação, é de se deduzir que o oficial estrangeiro buscava extrair o máximo de informações possíveis, para assim formular um relatório. É amplamente sabido, que Vernon Walters e Castello Branco se encontravam com certa frequência, tais encontros, por exemplo, eram perfeitas situações para que o adido militar estadunidense levantasse informações que julgava relevantes para os Estados Unidos.

O marechal certamente não seria ingênuo a ponto de pensar que o adido norte-americano não relatasse tudo o que ouvia ao governo de seu país. Esse comportamento revela a absoluta naturalidade com que Castello Branco encarava sua proximidade dos Estados Unidos. (FICO, 2008, p. 149).

Outro aspecto merecedor de destaque aqui é a presença de militares do próximo exército brasileiro dando informações ao estrangeiro, pois este se configura também como um meio de obtenção de informação. Em outros tipos de fontes do acervo, como os memorando de conversa, podemos notar que funcionários da embaixada norte-americana mantinham comunicação com militares e civis destacadas no cenário político brasileiro. Tudo nos levar a crer que, uma das razões da perseverança deste tipo de relação era o desejo de se levantar informações. Assim sendo, de maneira geral, estes são os meios que os estadunidenses dispunham para construir seus Biographic Data, como já trabalhado aqui, ao que tudo indica existe uma colaboração entre as instituições, sendo assim, também é prudente afirmar que a

possibilidade de as outras instituições usarem os mesmos meios de fonte de informação é considerável.

O documento segue com a formatação semelhante a de um formulário, nela o autor preenche os espaços solicitados, ou apenas marca um X na opção dada pelo documento. Esta primeira parte aqui descrita, foca em informações pessoais do alvo, seguindo o movimento dos outros tipos de Biographic Data. No caso de Ednardo d'Avilla, Arthur Moura assinalou, no local indicado pelo arquivo, que o alvo era casado, e também assinalou a opção “No”, na área reservada à presença ou não de barba no alvo. Na circunstância de Fernandino de Carvalho, é apontado que ele desfruta de um excelente estado de saúde, e dispõe de cabelos pretos. Posteriormente, existem espaços dedicados à educação civil, línguas dominadas, viagens e a uma linha do tempo da carreira militar, focando nas promoções de patente e nas mudanças de cargo. Existe igualmente uma preocupação em registrar a rede de contatos do alvo, seus conhecidos, e suas ligações. Sendo estas tanto dentro do cenário político e militar brasileiro, quanto no leque de funcionários estadunidenses. Na ocorrência de D'Avilla, é indicado que este conhecia o ex-adido militar Vernon Walters, e no campo doméstico, já fora um protegido de Costa e Silva, bem como possuía estreitos laços com o General Lisboa, e com o então ministros dos transportes General Dyrceu.

A parte final do documento é dedicada a monitorar os movimentos políticos do alvo, suas preferências e ações. Mantendo o exemplo de D'Avilla, é informado que ele era importante na situação política do Brasil na época, por ser um General quatro estrelas e consequentemente fazia parte do Alto Comando do Exército, concebendo-se como uma importante figura no estado chave de São Paulo. Já Ferdinando de Carvalho é descrito como um conversador, extremamente anticomunista, tendo concordado com as ações estadunidenses na República Dominicana, e sendo o chefe do IPM do PCB.

É importante destacar aqui outras características, especialmente no documento referente ao general Ednardo d'Avilla, dotado de tópicos singulares, e igualmente interessantes. Primeiramente, focaremos no item chamado Additional Comments. Ele é escrito em primeira pessoa, pelo autor pessoal do documento. O destaque necessário aqui, é a divisão que o autor faz sobre as informações coletadas. Aproximadamente 40% dessa

informação é derivada de contatos pessoais (o mais recente em São Paulo no dia 26 de julho de 1974); outros 40% é produto de opiniões de oficiais brasileiros que o conhecem bem, e o 20% restante foi obtido do Exército Brasileiro e de documentos da DAO. Não se nota em outras fontes tamanho grau de detalhamento. O que podemos destacar é que a maior parte das informações coletadas, provem do contato pessoal do alvo com o autor, e de oficiais do próprio exército brasileiro. Logo, presume-se que o governo dos Estados Unidos nutria e desenvolvia uma relação de cooperação com certos militares, visto que boa parte das informações, de pelo menos este Biographic Data, se originaram neles.

Outro tópico considerável se chama: Best way of gaining subject's confidence and exerting influence on him. O título por si só já é merecedor de observações, pois transmite a ideia de que saber como ganhar a confiança e principalmente como exercer influência sobre ele, é uma questão de importância aos Estados Unidos. A existência deste tópico considera que, eventualmente, os o governo estadunidense decida, por motivos próprios, exercer influência sobre algo militar brasileiro. e uma vez tomada esta decisão, o documento indicará a melhor maneira de fazê-lo. No exemplo de d'Avilla, o documento afirma que um bom jeito de ganhar sua confiança é elogiá-lo pela sua atuação na Segunda Guerra Mundial, ou citar o seu trabalho como adido militar em Washington como um exemplo de sucesso. Por ser um homem de família, ele pode ser influenciado através de sua esposa, filhos(as) e netos(as).

De forma geral, é deste modo que se constituem as características das instituições geradoras de Biographic Data que citam a “linha dura” encontrados no acervo do Opening the Archives. Como notamos, a CIA e a DIA, apesar de disporem de formatações diferentes, são altamente parecidos em seu conteúdo, em alguns casos, iguais. É bem verdade que os documentos da CIA focam menos em informações pessoais, como por exemplo noções sobre o fenótipo do alvo, ou sobre sua esposa e filhos(as), conduto, somando-se ao fato da formatação, estes dois elementos não são suficientes para concluir que os dois tipos de documentos são em sua maior parte dissemelhantes, na verdade, a conclusão direciona para o caminho oposto. As diferenças dentro dos dois tipos são as exceções, e não a regra. Os arquivos da USARSO, ao que tudo indica, são praticamente cópias dos arquivos da DIA, - ou ao contrário - dotando o mesmo formato, os mesmos tópicos, e por vezes o mesmo conteúdo.

E por último, os documentos do Department of Defense, efetivamente nos trazem um padrão completamente diferente, manifestando-se principalmente de duas maneiras. Primeiro, pelas marcar e autoria pessoal. E segundo, pela indicação dos meios de obtenção de informações. Em suma, existem elementos comuns em todos, como por exemplo, dados sobre as línguas dominadas, sobre o fenótipo, sobre a família, contatos pessoais e profissionais próximos, a linha do tempo sobre a carreira militar, o indicador da patente e do cargo atual, as preferências políticas, tanto internacionais quanto domésticas, e o fato de apenas militares de alta patente eram investigados . Concluindo, é possível afirmar que as instituições detêm muito mais semelhanças do que diferenças. É bem verdade que a maneira de expressar a informação é diferente em cada uma, mas é evidente que suas áreas de interesse eram as mesmas.

2. A “linha dura” representada nos *Biographic Data*

Parte central desse artigo é identificar a perspectiva estadunidense sobre a “linha dura” dentro do tipo específico de fonte proposta, como elas retratavam e compreendiam a facção mais barulhenta do Exército Brasileiro. Com base no trabalho de fontes, chega-se a algumas conclusões. A produção do Biographic Data com certeza não tinha a identificação da “linha dura” como foco, ou seja, o documento não era produzido com intenção de classificar ou não o alvo como pertencente a ela. A propósito, notamos movimento contrário, pelo espaço que lhe é dada, a frequência em que é comentada e a brevidade em que é citado, pode-se afirmar que a identificação como duro não se configura como a prioridade do documento, ocupando na verdade, um espaço secundário.

A “linha dura”, é sempre citada superficialmente, nunca de forma aprofundada ou destacada, em nenhum tipo de documento existe um segmento ou uma divisão própria a ela, sendo sempre incorporada em um tópico de maior abrangência. Nos documentos da DIA, por exemplo, ela habitualmente está englobada nos tópicos SIGNIFICANCE ou no subtópico INTERNAL, que por sua vez faz parte do tópico POLITICS. Para se ter uma ideia melhor, existem atualmente no acervo 1144 Biographic Data, destes, apenas pouco mais de 40 fazem menção a “linha dura”.

Quando citada, ela é fortemente amarrada a principalmente dois componentes. A luta contra o comunista e a subversão, e a luta contra a corrupção, muitas vezes incorporada na figura da elite civil que regia o cenário política antes do golpe de 1964. A abordagem autoritária e críticas aos governos, essencialmente o governo Castello e o governo Costa e Silva, apesar de em menor escala, igualmente se fazem presentes na descrição da “linha dura”. As críticas aos chefes do executivo estavam balizadas na ideia de fraqueza dos mesmos. Os documentos indicam que os duros acreditam que a falta de ímpeto dos governos abriria espaço para a volta de corruptos e esquerdistas ao poder, ou seja, os presidentes não estavam tomando medida necessárias, e tais medidas, na visão da “linha dura”, achavam-se estreitamente ligadas com uma demanda por maior repressão. Neste caso, a perspectiva trazida pelas documentos, corrobora parcialmente com a estrutura da “linha dura”.

Os oficiais que se consideram de “linha dura” emitem um discurso de extrema direita, nacionalista e, de certa forma, reformista. Não defendem programa coerente, mas apresentam duas exigências. A primeira é um expurgo radical, sem consideração pelos procedimentos aplicados pela conformidade com a lei: imediatamente após o golpe, os oficiais de “linha dura” são os principais advogados da violência de Estado e de repressão política. A segunda é um conjunto de medidas economicamente nacionalista. Até 1964, contudo, o nacionalismo econômico era uma exclusividade da esquerda; de agora em diante é brandido por esses oficiais turbulentos como uma arma contra um governo que eles julgam entreguista. “Um certo antiamericanismo é às vezes associado a ele, ao som de ‘nem Washington nem Moscou’, numa referência complexa a situação geopolítica da Guerra Fria e ao passado nacional, em especial à era Vargas”. (CHIRIO, 2012, p. 51).

Nota-se que, apesar de breve e rasa, as identificações feitas pelos estadunidenses abrangem sim parte das características reais da “linha dura”. É importante aqui ressaltar, que os documentos sempre se referiam aos oficiais que segundo eles possuíam destaque, como sendo um dos líderes da “linha dura”, e nunca como o líder da “linha dura”. O uso do artigo indefinido ao invés do artigo definido pode indicar algo. O não reconhecimento de uma liderança centralizadora específica. “A linha dura” dos Biographic Data não possuía assim um imperador, mas sim um conjunto de potenciais líderes, que desfrutavam de uma hegemonia

praticamente horizontal. Por último, saliento que, ao identificar certas demandas, os documentos, conseqüentemente, dão a “linha dura” o status de um grupo político ativo, isto é, um grupo com demandas próprias, que visavam interferir diretamente na política interna brasileira.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. A. M. **Brasil – Estados Unidos: A Rivalidade Emergente – 1955–1980**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999.

CHIRIO, M. **A política nos quartéis: Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

FICO, C. **O grande irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo**. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GREEN, J. **Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964–1985**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS FILHO, J. R. **O palácio e a caserna: A dinâmica militar das crises políticas na ditadura**. 1. ed. São Carlos, SP: Edufscar, 1995.

GASPARI, E. **A ditadura acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

GASPARI, E. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASPARI, E. **A ditadura encurralada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b